

A PROCISSÃO DE CINZAS DA VENERÁVEL ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO DO PORTO: REMINISCÊNCIAS PROFANAS DAS IMAGENS E PRÁTICAS SOCIAIS

JOÃO LUÍS DA MOTA TORRES FERNANDES*

Resumo: *O presente estudo pretende evidenciar as dinâmicas estabelecidas entre a população portuense e os intervenientes da Procissão de Cinzas da Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto (1634-1905), com particular destaque para aquelas cujas reminiscências profanas, conquanto readequadas para melhor se ajustar ao universo da manifestação religiosa, permaneceram como depositários de tradições e práticas que animavam a população. Procuraremos assim aferir a forma como o envolvimento entre a assistência e os participantes consubstanciavam uma outra dimensão da saída processional.*

Palavras-chave: *Porto; Procissão de Cinzas; Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto; Manifestações religiosas.*

Abstract: *The present study aims to explicit the dynamics established between the people of Porto and the participants of the Venerable Third Order of Saint Francis of Porto's Ash Procession, with particular regard for those whose profane reminiscences, albeit readjusted to better suit the religious manifestation's universe, remained as deposit for traditions and practices that cheered the population. We will thus try to assess how the involvement between assistance and participants embodied another dimension of the procession.*

Keywords: *Porto; Ash Procession; Venerable Third Order of Saint Francis of Porto; Religious manifestations.*

INTRODUÇÃO

O presente artigo decorre de parte da investigação encetada no âmbito da nossa dissertação de mestrado, que versou sobre a Procissão de Cinzas da Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto, uma das principais manifestações religiosas da cidade, cuja primeira realização remonta ao ano de fundação da ordem, em 1634¹, e a última a 1905. Os resultados apresentados derivam da análise de fontes primárias preservadas no Arquivo Histórico da ordem portuense, cruzados

* Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. Email: joao_lmfernandes@hotmail.com.

¹ A primeira referência documental da Procissão refere verbas para a aquisição de tarraças para «segurar o Christo no andor» e confeitos, doces de erva doce cobertos de açúcar. *Vd.* BLUTEAU, 1720: 453, «CONFEITEIRO. Aquelle, cujo officio he fazer, & vender doces» e «CONFEITOS de erva doce [...] Tragemata, alem de fer huma palavra ouramente Grega, fignifica o mefmo, que Bellaria, que quer dizer tudo, o que fe poem na mofa por fobremefa», e também SILVA, 1789: 441: «CONFEITOS, s. m. pl. Herva doce coberta de assucar, fica em varias figuras, faz-se deitando-lhe calda grossa n'uma bacia ao fogo, mexendo-se». *AHVOTSFP. Receita e Despesa* [1633-1657], fl. 70.

com bibliografia relevante que permitiu consolidar as informações retiradas da documentação, bem como circunstanciá-las num quadro mais abrangente de atos religiosos e instituições, com as quais se tornou, assim, possível estabelecer análises comparativas.

Corolário da sua preponderância para a cidade, destacamos a indulgência de 300 dias concedida aos seus participantes, a partir de 1751, pelo núncio apostólico e arcebispo de Nicomedia, cardeal Lucas Tempi. Estes atos contribuía de forma efetiva para a sua subsistência, dada a sua capacidade de impressionar e suscitar interesse suficiente para cativar a agremiação de novos irmãos, cuja entrada e profissão consubstanciavam uma importante parcela da receita anual.

A sua saída demarcava a Quarta-Feira de Cinzas, o dia seguinte ao Carnaval e o primeiro da Quaresma, simbolicamente preponderante, uma vez que celebra um conjunto de preceitos agregadores para todos os cristãos, que se prendem com a natureza efémera do corpo, a perenidade do espírito e a consequente promessa da Ressurreição. Relativamente à prática mais marcante do dia, a imposição das cinzas, diz-nos Natália Ferreira-Alves tratar-se de «um símbolo visível da penitência a que devem submeter-se [os fiéis], aceitando com humildade o fim terreno como expiação dos pecados do Homem»².

A Penitência assume-se como um dos pilares da conduta ascética franciscana, bem expressa na respetiva colação do livro VII da *Crónica dos Frades Menores*, referente a frei Egídio³ e a qual estabelece a ponte entre a doutrina dos Frades Menores e a sua aplicação pelo mundo secular:

*Disse uma vez um juiz ao santo frei Egídio. Como padre nos seculares poderíamos subir ao estado e graça da virtude? E respondeu-lhe. Primeiramente deve o homem doer-se de seus pecados, e depois confessá-los puramente e fazer a penitência que lhe pê-lo confessor é posta*⁴.

A Procissão de Cinzas servia de palco para demonstrações efetivas de penitências corporais, mas também para o trânsito e exposição de algumas das peças artísticas mais imponentes da cidade, instigando nos fiéis a devida introspeção espiritual e o desejo de emular a conduta dos exemplos de santidade apresentados. Em 1863 registava «O Commercio do Porto» a imponentia do andor da ordem «e o movimento espontaneo de todo o povo que lhe ajoelhava, tomado de respeitosa veneração, prova o imperio do culto exterior no espirito dos crentes»⁵.

² FERREIRA-ALVES in FERREIRA-ALVES, 2012: 422.

³ Um dos primeiros discípulos de São Francisco; para uma abordagem biográfica detalhada, *vd.* BRUFANI, 2016: 38-52.

⁴ LISBOA, 2001 [1557-1562]: I, fl. 185.

⁵ *Noticiário — Procissão de Cinza*, 1863.

No âmbito do presente texto evidenciaremos um conjunto de práticas e intervenientes que desenvolviam uma relação direta com a população que lhe assistia, suscitando o seu interesse e interação, interpelando-a com a sua conduta e desvendando comportamentos que ultrapassavam a suposta solenidade processional. Após uma breve exposição histórica e iconológica da Procissão, na qual circunstanciamos todos os seus elementos, propomo-nos explorar as particularidades daqueles que reportam à dimensão que pretendemos abordar, as referências e reminiscências históricas segundo as quais se desenvolveram, a sua relação com a apologética franciscana e a consecutiva concretização no plano da Procissão.

1. SÍNTESE HISTÓRICA

A Procissão de Cinzas, existente desde a fundação da ordem, viria a estabelecer-se nos *Estatutos* de 1660⁶, permitindo a definição de uma matriz que asseguraria diretrizes claras para a promoção deste ato religioso por Mesas futuras, garantindo a sua boa concretização e impedindo falhas de solenidade que a denegrissem.

O seu desenvolvimento será, inicialmente, crescente, registando-se em 1674⁷ o primeiro aumento no número de andores que constituíam a Procissão, tendência que se irá manter, registando-se em 1751 um total de 24 andores, alcançando assim a dimensão da procissão homónima organizada pela Ordem Terceira de Ovar em 1672⁸.

Também a Ordem Terceira do Rio de Janeiro organizava uma Procissão de Cinza desde 1650, integrando 20 andores desde o seu início até 1758. Importa referir que a investigadora Nancy Rabelo atribui à Procissão portuense a matriz pela qual a Procissão carioca se regia, situação também registada nas procissões organizadas pelas Ordens do Recife, em 1739, e Salvador, em 1761⁹.

A Procissão portuense irá complexificar a sua organização durante a segunda metade de Setecentos e sofisticando os seus procedimentos através da integração de um *Mestre de Cerimónias* em 1789¹⁰. Como nos mostram os registos de 1740 referentes à primeira realização da Procissão de Cinzas pela Ordem Terceira de Mafra, que seguia o referencial lisboeta, as responsabilidades do Mestre de Cerimónias poderiam contemplar práticas diversas, inclusivamente litúrgicas:

⁶ AHVOTSFP. *Estatutos de 1660 e Termos de 1679 a 1694* [1660-1694].

⁷ AHVOTSFP. *Estatutos de 1660 e Termos de 1679 a 1694* [1660-1694], fls. 39-40.

⁸ VECHINA, 2013: 927.

⁹ JABOATÃO, 1980 [1761].

¹⁰ AHVOTSFP. *Secretario António Ribeiro de Mesquita* [1788-1789], fl. 27v.

*às nove horas e meia da manhã, foi o padre Guardião deste real Convento, frei Manuel da Cruz, com o padre Mestre de Cerimónias, frei João de são José do Prado, benzer os santos, e a cruz da penitência, com a bênção privada, e ao meio dia foram conduzidos os andores para a igreja*¹¹.

No entanto, o crescente estado de degradação das imagens e respetiva despesa levam à sua redução para apenas 13 andores em 1782¹². A esse constrangimento juntar-se-á o início da obra da «nossa Capella» a partir de 1794 e a ampliação do cemitério catacumbal em 1798¹³.

Já o início do século XIX ficará marcado pelas invasões napoleónicas, motivando nova suspensão da Procissão¹⁴. Em 1809 contribuía a ordem com uma prestação mensal de 125\$000 rs. durante dois anos «a favor do Trem desta Cid.e no fornecimento dos petrechos e muniçoens de Guerra»¹⁵, o que demonstra a sua postura ativa perante as invasões. A par com a Guerra Civil, serão um fator de impedimento económico no país durante a primeira metade do século e de cujas consequências os Irmãos Terceiros não ficaram incólumes, decidindo-se, em 1836, «tapar o grande rombo no teto da Nossa Capella cauzado de uma bomba no tempo do cerco»¹⁶.

Não obstante todas as contrariedades, destacamos a despesa do pão do saco de Santa Isabel da Hungria da Procissão de 1801, tendo sido pagos 1000 pães para serem repartidos entre Mesa, Mesário e Irmãos¹⁷, o que permite discernir a dimensão que assumia no início de Oitocentos.

Os *Estatutos* estabelecidos em 1838¹⁸ redefiniram a situação da Procissão de Cinza no panorama festivo da ordem e da cidade, no rescaldo da instituição da nova Monarquia Constitucional, da extinção das ordens religiosas masculinas e de quase quatro décadas de agravamento económico: a Ordem Terceira, em detrimento de organizar a Procissão de Cinzas, passava então a assumir a despesa da Procissão do Enterro de Nosso Senhor, organizada pelas religiosas de Santa Clara¹⁹.

A Procissão realizar-se-ia pontualmente, como em 1850, ano em que os andores permaneceram expostos 7 dias na igreja conventual²⁰, até à segunda-feira

11 Arquivo da Ordem Terceira de Mafra (AOTM). *Livro de Acórdãos desta Venerável Ordem Terceira e também das Eleições dos membros desta Irmandade*, cx. IPR 2, liv. 6, fl. 36 apud CHAVES, 2019: 203-218.

12 AHVOTSFP. *Livro 4º que há de servir para nele se escreverem todos os termos* [...] [1782-1810], fls. 1v.-2.

13 EIRAS, 1972: 94.

14 AHVOTSFP. *Livro 4º que há de servir para nele se escreverem todos os termos* [...] [1782-1810], fl. 339.

15 AHVOTSFP. *Livro 4º que há de servir para nele se escreverem todos os termos* [...] [1782-1810], fl. 356.

16 AHVOTSFP. *Livro das Actas das Sessões da Mesa, ano de 1836* [1836-1851], fl. 6.

17 O valor total era de 10\$000 rs, pelo que podemos aferir o valor de \$010 rs como referência para outras verbas. Cf. AHVOTSFP. *Secretario de 1800 para 1801* [1800-1801], fl. 59.

18 AHVOTSFP. *Estatutos e Regra da Ordem Terceira do Serafim Humano O Glorioso Patriarcha S. Francisco da cidade do Porto*, 1838.

19 AHVOTSFP. *Livro das Actas das Sessões da Mesa, ano de 1836* [1836-1851], fl. 80.

20 AHVOTSFP. *Despesa e Custeamento da Ordem* [1848-1898], fl. 42v.

seguinte à saída²¹, prática que será recorrente em anos de suspensão da Procissão²². Quanto à dimensão da Procissão, Augusto de Pinho Leal indica, em 1876, que integrava entre 400 a 500 Irmãos Terceiros, adornados pelos *habitots e distinctivos propios*²³.

A última saída, em 1905, concretiza-se por impulso de um donativo de 600\$000 rs. pelo Club Fenianos Portuenses, instituição cujo propósito o irmão secretário explica ser «promover festas de todas as especies, para assim poder chamar a esta cidade o maior numero de forasteiros para engrandecimento e prosperidade do commercio e das industrias locaes»²⁴.



Fig. 1. Procissão de Cinza em 1905, vista da atual Rua do Infante, provavelmente tirada de uma varanda. Destaque, no plano de fundo, para a Igreja do Convento de São Francisco do Porto
Fonte: EIRAS, 1972



Fig. 2. Procissão de Cinza em 1905, vista da Rua dos Clérigos, sobre o eixo de 31 de Janeiro. No plano de fundo, à direita, encontra-se o Palácio das Cardosas e, à esquerda, vislumbra-se parte da fachada da Igreja dos Congregados
Fonte: EIRAS, 1972

²¹ AHVOTSFP. *Livro das Actas das Sessões da Mesa, ano de 1836* [1836-1851], fl. 169.

²² AHVOTSFP. *Livro de Actas 2º* [1851-1861], fl. 319.

²³ LEAL, 1876: 479.

²⁴ Cf. AHVOTSFP. *Livro 6º das Actas das Sessões da Mesa da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto* [1900-1905], fl. 159.

2. SÍNTESE ICONOLÓGICA

As consecutivas alterações sofridas pela forma da Procissão contrastam com a definição da sua matriz principal em termos iconológicos, estabelecida logo em 1660. Apesar das diversas alterações no decorrer dos séculos, esta será a estrutura segundo a qual todas as procissões se irão basear, passível de se subdividir em quatro blocos.

O primeiro constituía-se por representantes da ordem e alegorias sugestivas da temática da Penitência:

O [guião] da Ordem com as armas dela. A Cruz da comunidade. A bicha de sete cabeças, ante a qual vai um anjo com tarja. [1] A charola da Nossa Senhora da Conceição com dois anjos diante que levam tarjas. O Diabo, ante o qual vai outro anjo com tarja. Adão e Eva ambos em parelha, Adão com sua enxada e sua cadeia no pé, Eva com uma maçã na mão ambos vestidos de peles e descalços e dois anjos diante deles. O Paraíso com uma árvore e uma cobra enroscada nela, irá vestido de verde com uma ambula cheia de água na mão e um anjo diante dele. O Querubim com uma espada de fogo na mão lançando Adão e Eva fora do Paraíso, e um anjo diante dele. Duas figuras em parelha com pratos de cinzas nas mãos e caveiras, vestidas de burel e descalças, e dois anjos diante. A figura da penitência com a árvore dela, que levará penduradas disciplinas e silícios descalça e dois anjos diante²⁵.

A frente do préstito era dominada por elementos que a identificavam e que lhe conferiam maior dinamismo e simbolismo. Depreende-se que os movimentos e o aspeto impressionante da figura da *bicha* e a expectável exuberância do Diabo seriam pontos focais, chocantes no diálogo imediato convocado entre ambas e com as figuras de Adão, Eva, Paraíso, Cinzas e Penitência, invocativas do pecado original e da sua ligação com a temática catequética da Cinza — estas eram complementadas pela imagem da Imaculada e pelo seu referente direto do Livro do Apocalipse também relacionado com o dragão²⁶. Relembramos o diálogo da expulsão de Adão e Eva do Paraíso, no qual Deus profere a frase que ainda hoje pontua a imposição das cinzas — *memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris*²⁷.

O papel cenográfico do primeiro bloco seria determinante, tomando a função de abertura da Procissão, instigadora de reflexão no público que lhe assistia, uma vez que representava um dos fundamentos basilares e transversais da doutrina católica. Seria notório o contraste que o mesmo estabelecia com o maior estatismo da restante procissão, que lhe redarguia com exemplos superiores da devoção cristã. O trânsito solene das imagens deveria suscitar

²⁵ AHVOTSFP. *Estatutos de 1660 e Termos de 1679 a 1694* [1660-1694], fl. 10.

²⁶ Ap 12, 1.

²⁷ Gn 3, 19.

admiração nos fiéis e vontade de os igualar na sua vivência, reconhecendo-lhes as virtudes que lhes permitiram superar as provações e condições que o primeiro corpo simbolizava.

O segundo bloco representava episódios hagiográficos do patriarca da ordem e era seguido por outro que integrava exemplos de Santos Irmãos Terceiros. O último grupo compreendia os exemplos últimos da devoção franciscana, representativos da tradição devocional franciscana e cuja carga simbólica exortava a remissão dos pecados através da privação, da penitência e pela graça do martírio. Nele enquadravam-se o andor da padroeira da ordem, Santa Isabel, rainha da Hungria, o dos Santos Mártires *com o Tirano que os vai degolando*, o andor da Árvore dos Santos da ordem e por último o andor da ordem, que representava o momento mais significativo da vida de São Francisco, a estigmatização.

Seguia-se o pálio com o Santo Lenho²⁸, relíquia que no século XIX será identificada como «fragmentos dos ossos dos Santos Martyres de Marrocos»²⁹. Ambas demonstram a veneração do martírio enquanto veículo para a graça divina. Expressam, sobretudo, a consagração da mimetização da vida de Cristo que a apologética franciscana delineou como matriz doutrinária, encerrando a Procissão de forma circular com a reafirmação do referente primacial dos exemplos de santidade apresentados.

3. DINÂMICAS ESTABELECIDAS COM A POPULAÇÃO

As imagens processionais eram de vestir, tipologia de grande impacto visual pela sua semelhança ao real, complementada por membros articulados, vestes, bordados, cabeleiras e todos os adereços iconográficos respetivos, que gozou de particular desenvolvimento no período pós-tridentino³⁰. Na Idade Média, as imagens articuladas eram utilizadas em representações da Paixão e Crucifixão e da Virgem com o Menino³¹, sendo apreciado o dinamismo que imprimiam nas respetivas encenações³², generalizando-se a sua presença em atos processionais no século XVII. As imagens, montadas nos andores com poses naturais e alguns detalhes como lágrimas e gotas de sangue (feitas com recurso a resinas), olhos de vidro,

28 AHVOTSPF. *Estatutos de 1660 e Termos de 1679 a 1694* [1660-1694], fl. 20.

29 Cf. PACHECHO, 2009: 85-108, as relíquias dos Santos Mártires foram dispersas por diversas casas religiosas, entre as quais algumas franciscanas que não se identificam. O autor, no decorrer do seu texto, referencia as seguintes casas, como recetáculos das referidas relíquias, às quais podemos agora acrescentar a Ordem Terceira do Porto: Santa Cruz de Coimbra, Mosteiro de Lorvão, Mosteiro de São Vicente de Fora, Mosteiro de São Salvador de Grijó, Mosteiro da Serra do Pilar, Mosteiro do Salvador de Moreira da Maia, Mosteiro da Madre de Deus, Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança, Mosteiro do Espírito Santo de Gouveia.

30 CHAVES, 2016: 129.

31 CORNEJO VEGA, 1996: 241.

32 CORNEJO VEGA, 1996: 243.

unhas e dentição (simuladas através de ossos e chifres) confluíam para que o contacto com as imagens fosse ainda mais impactante³³.

Peter Dent³⁴ refere-se às imagens articuladas enquanto reflexo do conceito de imagem viva desenvolvido pela arte renascentista, tomando como ponto de partida o canto X do *Purgatório* da *Comédia* de Dante. Nele, exortam-se os sentidos da visão, olfato e audição como principais meios de apreensão de uma obra de arte: o protagonista aprecia um conjunto de três relevos feitos por Deus, cuja primazia artística o faz ouvir vozes, sentir o cheiro de incenso e ver as imagens mover³⁵. Daqui surgirá o conceito renascentista de imagem viva, imagem tão realista que ao observador pareceria animada. O conceito estará tanto mais presente nas imagens quanto melhor o conjunto de artifícios que lhes confirmam um elevado grau de realismo, o qual se adensava através da inclusão de imagens representadas por figurantes reais, como anjos ou outras figuras alegóricas.

Sobre a figura da *bicha de sete cabeças* encontramos referências pouco descritivas que remontam a 1655³⁶, mas as despesas de 1657 e 1658 permitem perceber a sua forma: respetivamente, informam-nos que se tratava de uma figura articulada por dobradiças e transportada por dois homens³⁷. Percebemos, portanto, a citação direta do Apocalipse: «E viu-se outro sinal no céu; e eis que era um grande dragão vermelho, que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre as suas cabeças sete diademas»³⁸. Sabendo que a Procissão conferia aos seus elementos uma forte componente cromática e seguia com particular atenção as referências bíblicas que lhes davam forma, deduzimos que a mesma *bicha* fosse pintada de vermelho. Deprendemos que a figura encetaria um binómio antagónico com a imagem da Imaculada: por um lado, a alusão ao pecado original; por outro, a sua remissão, possibilitada pela conceção imaculada da Virgem através da intercessão divina, antecipando a própria conceção de Cristo. Um termo exarado no dia 8 de março de 1674³⁹ informa-nos da supressão da *bicha*.

Outro elemento merece destaque pelo dinamismo que imprimia ao primeiro bloco da Procissão, a figura do Diabo. Sabemos que envergava um vestido de baeta negro⁴⁰, segurava na mão um forcado (*forquilha*)⁴¹ e apresentava uma máscara (se não sempre, por vezes) alugada⁴². Esta, provavelmente, consistiria numa repre-

33 Cf. CHAVES, 2016: 156.

34 *Vd.* DENT, 2017: 18-32.

35 Cf. DENT, 2017: 21.

36 AHVOTSFP. *Receita e Despesa* [1633-1657], fl. 208v.

37 AHVOTSFP. *Livro da Despesa* [1657-1712], fl. 5v-6.

38 Ap 12, 3.

39 AHVOTSFP. *Estatutos de 1660 e Termos de 1679 a 1694* [1660-1694], fls. 39-40.

40 AHVOTSFP. *Livro da Despesa* [1657-1712], fl. 58v; Cf. BLUTEAU, 1728: 11: «BAETA. Bzêta. Panno de lãa, a que ou com o ufo, ou com infrumentos fe levanta o pelo. Hà de muitas caftas».

41 AHVOTSFP. *Estatutos de 1660 e Termos de 1679 a 1694* [1660-1694], fl. 39-40.

42 AHVOTSFP. *Livro da Despesa* [1657-1712], fl. 35v.

sentação disforme de feições humanas, derivada das representações clássicas da Medusa, reportório visual para o qual a imaginação de monges também contribuiu⁴³. Raoul Glaber, cronista do século XI a quem o Diabo se manifestou, referia que os seus movimentos eram convulsivos⁴⁴, o que se coaduna com o comportamento da mesma figura na Procissão e que deriva do desenvolvimento mais caricatural da imagem do Diabo a partir dos finais da Idade Média, que *faz rir*⁴⁵. A sua posição na Procissão estabelecia ligação com a expulsão de Adão e Eva do Paraíso, a qual o Diabo propicia.

Ambas as figuras da *bicha* e do Diabo representavam manifestações profanas enraizadas na prática processional religiosa, que encontram referentes nas representações dramáticas encenadas em igrejas durante a Idade Média, herdeiras da comédia clássica⁴⁶. A natureza irascível que se associou aos jograis⁴⁷ e às suas representações de âmbito profano viria a ditar uma sucessão de restrições à sua prática — em 1207 pelo papa Inocêncio III e na segunda metade do mesmo século por Afonso X de Espanha —, limitando-os à representação de temáticas litúrgicas⁴⁸. No século XVI, tornava-se já recorrente a utilização de imagens animadas por cordéis nas representações da Paixão de Cristo, pelo que a figura da *bicha* se assume como depositária de reminiscências profanas, readequadas à prática litúrgica⁴⁹.

A participação de figuras idênticas encontra-se registada em diversas procissões do Corpo de Deus, assumindo os mesmos graus de complexidade notórios, compondo-se através de madeira pintada de escamas, asas e tecidos vários⁵⁰. Podemos recuperar ainda outra imagem semelhante e que integrava o cortejo de Carnaval de 1905, organizado pelo Club Fenianos, ano no qual havia «sido enriquecido com novos elementos de interesse (entre estes a famosa hidra, que se avariara no de domingo gordo, com a sua hilariante guarda de peles vermelhas)»⁵¹. Mais ainda, o mesmo seria complementado por um concurso de janelas, que seriam adornadas, o que demonstra um lado participativo da população portuense nas celebrações conduzidas pelas instituições da cidade. É também interessante perceber o quadro festivo criado entre a festa do Carnaval e a festa da Cinza, antagónicas na sua génese, mas complementares no próprio

43 RÉAU, 1999: 83.

44 RÉAU, 1999: 83.

45 RÉAU, 1999: 84.

46 CHAVES, 2016: 116.

47 Profissão que mesclava as funções de intérprete, músico e bobó, Cf. Infopédia. Disponível em <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/jograis>>. Associa-se-lhes também a manipulação de imagens articuladas, cf. OLIVEIRA, 2010: 98.

48 OLIVEIRA, 2010: 95.

49 CHAVES, 2016: 121. O autor apresenta também interessantes comparações entre o processo evolutivo da utilização de imagens articuladas de vestir e o desenvolvimento da indústria de bonecos.

50 BARBOSA, 2013: 243-246.

51 *Aconteceu há 50 anos...*, 1955: 346-347.

percurso contemplativo de renovação espiritual que a Quarta-Feira de Cinzas pretende demarcar.

Este carácter cómico e provocativo das imagens e dos respetivos manipuladores ditara já represálias no Concílio de Trento (1545-1563) e no Sínodo de Orihuela (1600), no qual se proibia a utilização de imagens articuladas em representações religiosas. Contrariamente, em Portugal, a proibição imposta pelas Constituições Sinodais (1640) visava os intervenientes humanos, reiterando que a representação dos temas deveria cingir-se a imagens de madeira, barro ou semelhantes⁵².

A Procissão da Ordem Terceira do Porto será admoestada neste sentido em 1750, sendo enviada uma carta a 4 de fevereiro pelo Santo Ofício, ordenando a supressão da figura da Morte:

Somos informados, que na procissão da penitencia que em coarta feira de Sinza fazem nessa Cidade os Irmaos da Ordem Terceira costuma hir hua figura representado a morte com fouce na mão direita, e na esquerda com hum relógio; e quedas indecentes o indignas acçoens que continuadamente faz para as janellas das ruas por donde passa, resulta nas pessoas prudentes hum gravíssimo escandallo pelas grandes risadas, o gallopa que faz o povo rustico por causa das dictas acçoens, que sendo a Mesa de acto tão pio se devem estranhar mais nessa Cidade digo terra por ser tao provida de hereges: Vossa Paternidade por servir de Ministro, e deste Tribunal dira de Nossa Parte as pessoas a quem toque o governo da dita porção, que esperamos que sem outra fação collar o escandallo que resulta de Semilhante abuso. Deos nosso Senhor guard V.E. Coimbra no Santo Officio em Mesa de 4 de Fevereiro de 1750.

*Bento Paes do Amaral
Sebastiao Pita de Castro
Antonio Carrilho⁵³*

No decurso do século XVII e até à segunda metade do XVIII, estes animadores seriam desconsiderados pelas elites governativas da Europa⁵⁴. A figura da Morte datava já de 1722⁵⁵, referindo-se que usava um vestido pintado⁵⁶, provavelmente de negro, e carregava uma foice de madeira⁵⁷. Outros exemplos de figuras similares chegam-nos do século XIX, como é o caso homólogo do Recife, que integrava o *Papa-angu*, figura cujos comportamentos provocadores eram retribuídos

⁵² Cf. OLIVEIRA, 2010: 97-98.

⁵³ AHVOTSFP. *Livro dos Termos, 1745-1782* [1745-1782], fl. 28 *apud* EIRAS, 1972: 123.

⁵⁴ Cf. OLIVEIRA, 2010: 103-105.

⁵⁵ AHVOTSFP. *Livros de Secretário* [1719-1727], fl. 41.

⁵⁶ AHVOTSFP. *Livros de Secretário* [1727-1732], fl. 26.

⁵⁷ AHVOTSFP. *Inventário de toda a fabrica da prosição de Sinza e penitencia* [manuscrito datado de século XVIII], [s.fl.].

com arremessos de caroços, apontados à sua cabeça⁵⁸. Em Bragança, por oposição, a figura da Morte gozava de popularidade na população, vagueando pelas ruas mesmo em anos nos quais não se organizava a saída da Procissão de Cinzas⁵⁹.

Contrariamente a estas figuras que representam uma contaminação do universo religioso pelo profano, outras — como a de Adão, Eva, Querubim, Paraíso e Penitência — reportavam a preceitos mais arreigados no primeiro.

Destacamos o Querubim, que expulsava Adão e Eva do Paraíso, e que se apresentava com uma espada flamejante, túnica de tafetá encarnada, ornamentada com aplicações de renda⁶⁰, dois pares de asas de pelúcia azul e branca⁶¹, umas pequenas na cabeça e outras maiores nos ombros, e segurando um escudo na mão esquerda⁶². A referência bíblica em que a representação se baseia encontra-se no Génesis: Deus «havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida»⁶³. A composição dos elementos alados corresponde estritamente à habitual forma de representação dos querubins, que pelo número de asas e cor se diferenciam dos serafins, conforme a visão de Isaías⁶⁴: os querubins teriam quatro asas de cor azul e os serafins seis de cor vermelha⁶⁵.

Em parte, semelhantes ao Querubim, os anjos desempenhavam um papel singular na organização da Procissão. Habitualmente figurados por crianças, sabemos que vestiam tunicelas⁶⁶ de tafetá⁶⁷, adornadas com asas de madeira, articuladas por dobradiças⁶⁸ e pintadas⁶⁹. O cromatismo dos adereços indicados conferia uma outra dimensão à Procissão, sendo que o transporte de atributos e insígnias identificativas dos andores que lhes precediam⁷⁰ consolidava a sua função catequética.

Parece-nos conveniente contemplar, por último, a dimensão penitencial da Procissão, pelo que recuperamos o texto de Artur Magalhães Basto, publicado a 16 de fevereiro de 1934 n.º «O Primeiro de Janeiro»⁷¹, que se debruça sobre um manuscrito de 1730 (à data da publicação registado com o n.º 841 da Biblioteca

58 AMARAL, 1974 *apud* SILVA, 2002: 107.

59 CABRAL, 1998: 105.

60 AHVOTSFP. *Livros de Secretário* [1719-1727], fl. 34.

61 AHVOTSFP. *Inventário de toda a fabrica da prosição de Sinza e penitencia* [manuscrito datado de século XVIII], [s.fl.].

62 AHVOTSFP. *Estatutos de 1660 e Termos de 1679 a 1694* [1660-1694], fls. 39-40.

63 Gn 3, 24.

64 *Vd.* ls 6, 2.

65 RÉAU, 1999: 64.

66 AHVOTSFP. *Livro da Despesa* [1657-1712], fl. 57; veste litúrgica semelhante à dalmática. Era vestida sobre a alva.

67 *Cf.* Dicionário Priberam, trata-se de seda lustrosa.

68 AHVOTSFP. *Livro da Despesa* [1657-1712], fl. 6.

69 AHVOTSFP. *Receita e Despesa* [1633-1657], fl. 209.

70 O *Programa da Procissão de Cinza de 1899* expressa o significado de alguns. *Vd.* AHVOTSFP. *Programa da Procissão de Cinza no Porto* [...], 1899: 4.

71 BASTO, 1934.

Municipal do Porto) e nos dá a conhecer o quotidiano da Quarta-Feira de Cinzas de um *janota português* ou *faceira*:

De cabeleira empoada, de rosto pintado, camisa de bofes e gravata «á corsária», casaquinha de seda lavrada, calção e meia, sapato de fivela, lenço na mão, chapéu de três bicos no sovaco do braço esquerdo, espadinha curta ou quitó ao lado, êle — o serolico, berolico quem te deu tamanho bico... — atalava apressadamente, aos saltinhos, para S. Francisco. Devia ir cedo para não ter de andar aos encontrões (o que podia acarretar descómodos á cabeleira), e para arranjar um bom lugar no cruzeiro da igreja, em ponto donde dominasse algumas raparigas.

Percebemos que a imposição das cinzas demarcava o início da celebração do dia de Cinza e, ainda, que a igreja estaria aberta à população para dela participar — ainda que o *faceira* apenas lhe assistisse com outras intenções. Após o almoço — o *faceira* não jejuava — preparava-se para sair para

ver a grande Procissão de Cinzas, famosa pelos seus andores, e pelos muitos penitentes que nela seguiam de dorsos nus a açoutarem-se com disciplinas, acompanhados por Irmãos da Misericórdia que levavam bacias com lavatórios, isto é, com vinho fervido para deitar sôbre as feridas.

Na Procissão decorriam momentos impressionantes de penitência e para os quais os integrantes já se preparavam em antecipação. Uma descrição de uma procissão penitencial da Semana Santa da Confraria do Descimento de Sevilha, em 1642, identifica os mesmos métodos de tratamento das feridas⁷². Em Sevilha, as flagelações serão proibidas em 1777⁷³, dado que tinham assumido um caráter profano e provocante, direcionadas sobretudo à assistência feminina. Em 1806 ainda se mantinha a memória de que as mesmas eram vistas como benéficas para o desenvolvimento da constituição física e fonte de vaidade dos penitentes, cujos açoites eram aplaudidos, quanto mais sanguinários⁷⁴.

Aquando da passagem dos penitentes, o *faceira* «levantaria o chapéu a modo de *guarda-vento da cara* — para que os disciplinantes lhe não salpiquem a gravata», o que permite depreender a forma intensa como a penitência seria desempenhada. Em Lisboa, na segunda metade do século XVII, frei Luís de São Francisco relata os rigorosos rituais de flagelação dos membros masculinos terceários e a sua participação nas procissões de penitência⁷⁵.

72 Descrição de Claudio Rainsante e Alonso Fernández de Córdoba citados in PALOMERO PÁRAMO, 1981: 315-316.

73 D. CARLOS III, [s.d.]. *Real Cédula y Orden de Carlos III prohibiendo los bailes dentro de las iglesias, la Tarasca y los gigantones del Corpus Christi*, Lei XI, apud GALIANO MARÍN, 2017: 36.

74 WHITE, 1972: 222 apud PALOMERO PÁRAMO, 1981: 316.

75 SÃO FRANCISCO, Frei Luís de (1684). *Livro em que se contem tudo o que toca à origem, regra, estatutos, cerimónias, privilégios e progressos da Sagrada Ordem Terceira da Penitência* apud CHAVES, 2019: 205.

Não obstante, o protagonista do relato procurava um *bom lugar* onde pudesse «namorar mais á vontade, de *estaca* ou de *estafermo*, a menina que lá do alto de certa janela mais o tivesse impressionado». Sabemos através do *Programa da Procissão de Cinza de 1899*, que as janelas dos edifícios se preenchiam de «bellos renques de senhoras vestidas de pequeno lucto»⁷⁶, algo também identificado no Recife, em 1834, pelo padre Lopes Gama, que alude às *santinhas da terra*, cortejadas à varanda pelos *gamenhos*⁷⁷. Paralelamente ao cortejo penitencial, percebemos que se praticavam outras dinâmicas sociais, que se serviam da ocasião da Procissão como pretexto sobre o qual decorriam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os elementos que procurámos explorar permitem-nos desvendar um conjunto de práticas que envolviam a população que assistia à Procissão, incitando-a, simultaneamente, à introspeção religiosa, pela natureza do tema representado, e a um registo de laicismo notoriamente contrastantes. Não obstante o impressionante realismo conferido às imagens processionais, articuladas, e o seu diálogo direto com os figurantes reais que consolidavam um conjunto de representações que exortava sobre os fiéis a devida admiração e introspeção, alguns dos intervenientes da Procissão comportavam-se de forma indecorosa, sendo que outros simbolizavam reminiscências antigas que distraíam a atenção popular do seu verdadeiro significado catequético. Em conjunto, percebemos que quebravam a pretendida solenidade processional e, desta forma, desvendavam a existência efetiva de uma dimensão profana notoriamente aliciante para a população que assistia à Procissão.

Estas dinâmicas não religiosas que se desenrolavam dentro do universo da celebração religiosa adensam-se pela própria apreensão popular das penitências, cuja função litúrgica se dissipava entre o sensacionalismo gráfico das mortificações e as restantes dinâmicas sociais decorrentes e que se serviam da Procissão como pano de fundo, cristalizando um conjunto de ações que transparecem um universo religioso eivado de mundividências profanas latentes. A cidade mobilizava-se em torno da realização da Procissão, colocando, por momentos, em equidade diversos círculos sociais, institucionais e culturais de que se compunha o tecido vivo da urbe. Assiste-se à cristalização da universalidade da Cinza enquanto matéria transversal, cíclica e indissociável da sua condição católica e humana.

⁷⁶ Cf. «A Palavra — jornal religioso, litterario, de noticias e de assumptos de interesse publico», 1880.

⁷⁷ «O Carapuceiro» (5 abr. 1834) *apud* SILVA, 2002: 111.

FONTES

Arquivo Histórico da Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto

- AHVOTSFP. *Despesa e Custeamento da Ordem* [1848-1898]. Cota: R/D 785.
- AHVOTSFP. *Estatutos de 1660 e Termos de 1679 a 1694* [1660-1694]. Cota: ESTAT 36.
- AHVOTSFP. *Estatutos e Regra da Ordem Terceira do Serafim Humano O Glorioso Patriarcha S. Francisco da cidade do Porto*. Porto: Typographia de Gandra & Filhos, 1838. Cota: ESTAT 631.
- AHVOTSFP. *Inventário de toda a fabrica da prosição de Sinza e penitencia* [manuscrito datado de século XVIII].
- AHVOTSFP. *Livro 4º que há de servir para nele se escreverem todos os termos que se determinarem em Mesa Plena da N. V. Ordem 3ª do N. S. P. S. Francisco desta Cidade do Porto, o qual principiou neste presente ano de 1782* [1782-1810]. Cota: MESA 904.
- AHVOTSFP. *Livro 6º das Actas das Sessões da Mesa da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco do Porto* [1900-1905]. Cota: MESA 633.
- AHVOTSFP. *Livro da Despesa* [1657-1712]. Cota: R/D 59.
- AHVOTSFP. *Livro das Actas das Sessões da Mesa, ano de 1836* [1836-1851]. Cota: MESA 853.
- AHVOTSFP. *Livro de Actas 2º* [1851-1861]. Cota: MESA 106.
- AHVOTSFP. *Livros de Secretário* [1719-1727]. Cota: SEC 287(b).
- AHVOTSFP. *Livros de Secretário* [1727-1732]. Cota: SEC 288(c).
- AHVOTSFP. *Livros de Secretário* [1719-1727]. Cota: SEC 287(d).
- AHVOTSFP. *Livro dos Termos, 1745-1782* [1745-1782]. Cota: MESA 852.
- AHVOTSFP. *Programa da Procissão de Cinza no Porto. Descrição dos andores, anjos e mais figuras allegoricas ou symbolicas, ruas do transito, etc, etc*. Porto: Typographia a vapor de Arthur José de Sousa & Irmão, 1899. s./ cota.
- AHVOTSFP. *Receita e Despesa* [1633-1657]. Cota: R/D 57.
- AHVOTSFP. *Secretario António Ribeiro de Mesquita* [1788-1789]. Cota: SEC 270.
- AHVOTSFP. *Secretario de 1800 para 1801* [1800-1801]. Cota: SEC 229.

Fontes impressas

- ACONTECEU *há 50 anos...* «O Tripeiro». 10.º Ano. Série 5. 11 (mar. 1955) 346-347.
- «A Palavra — jornal religioso, litterario, de noticias e de assumptos de interesse publico». 8.º Ano. 2:264 (26 fev. 1880).
- BASTO, Artur de Magalhães (1934). *Falam velhos manuscritos...* «O Primeiro de Janeiro» (16 fev. 1934).
- BLUTEAU, Raphael (1712-1728). *Vocabulario portuguez e latino* [...]. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, vols. ?.
- JABOATÃO, Frei Antônio de Santa Maria (1980 [1761]). *Novo orbe seráfico brasílico ou crônica dos frades menores da provincia do Brasil*. Recife: Assembleia Legislativa de Pernambuco, vol. III.
- LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho (1876). *Portugal Antigo e Moderno* [...]. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, vol. VII.
- LISBOA, Frei Marcos de (2001 [1557-1562]). *Crônicas da Ordem dos Frades Menores*. Porto: Universidade do Porto, vol. I.
- NOTICIARIO — *Procissão de Cinza*. «O Commercio do Porto». 10.º Ano. 40 (19 fev. 1863).
- SILVA, Antonio de Moraes (1789). *Diccionario da língua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado e accrescentado por Antonio Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, vol. I.

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, António Francisco Dantas (2013). *Tempos de Festa em Ponte de Lima (Séculos XVII-XIX)*. Braga: Universidade do Minho. Tese de doutoramento.
- BRUFANI, Stefano (2016). *Irmão Egídio de Assis*. «Revista Territórios & Fronteiras». 9:1, 38-52.
- CABRAL, António (1998). *Jogos populares portugueses de jovens e adultos*. Lisboa: Editorial Notícias. (Coleção Coisas Nossas; vol. V).
- CHAVES, Duarte Nuno (2016). *As imagens de vestir da Procissão dos Terceiros: história, conceitos, tipologias e tradições — Um legado patrimonial franciscano na ilha de S. Miguel, Açores, nos séculos XVII a XIX*. Évora: Universidade de Évora. Tese de doutoramento.
- CHAVES, Duarte Nuno (2019). *Procissões de penitência franciscana nos séculos XVII e XVIII. Religiosidade popular em Portugal durante o Antigo Regime*. In ARAÚJO, Maria Marta Lobo de, coord. *As Ordens Terceiras no Mundo Ibérico da Idade Moderna*. Braga: Santa Casa da Misericórdia de Braga, pp. 203-218.
- CORNEJO VEGA, Francisco (1996). *La escultura animada en el Arte Español. Evolución y funciones*. «Laboratorio de Arte». 9, 239-261.
- DENT, Peter (2017). *The Late Medieval Action Figure and the Living Image*. In KOPANIA, Kamil, ed. *Dolls, Puppets, Sculptures and Living Images. From the Middle Ages to the End of the 18th Century*. Varsóvia: Academia de Teatro Estatal Aleksander Zelwerowicz; Universidade de Varsóvia, vol. 2, pp. 18-32.
- EIRAS, José Aníbal Guimarães da Costa (1972). *Os Terceiros Franciscanos da Cidade do Porto (Elementos para o seu estudo)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de licenciatura.
- FERREIRA-ALVES, Natália Marinho (2012). *A Procissão de Cinzas e a Ordem Terceira de São Francisco do Porto: análise de um esquema devocional*. In FERREIRA-ALVES, Natália Marinho. *Os Franciscanos no Mundo Português II: As Veneráveis Ordens Terceiras de São Francisco*. Porto: CEPESE, pp. 421-472.
- FERREIRA-ALVES, Natália Marinho et al. (2015). *O Convento e a Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto*. Porto: Edições Afrontamento.
- GALIANO MARÍN, Manuel (2017). *La procesión penitencial alimento de la religiosidad popular*. In CAMPOS Y FERNÁNDEZ DE SEVILLA, Francisco Javier, coord. *Religiosidad popular: Cofradías de Penitencia*. Madrid: Real Centro Universitario Escorial-María Cristina, vol. I, pp. 23-42.
- OLIVEIRA, José Luís de (2010). *O teatro de bonifrates em António José da Silva, o Judeu*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Dissertação de mestrado.
- PACHECO, Milton Pedro Dias (2009). *Os proto-mártires de Marrocos da Ordem de São Francisco. Muy suave odor de sancto martyrio*. «Revista Lusófona de Ciências das Religiões». VIII:15, 85-108.
- PALOMERO PÁRAMO, Jesús Miguel (1981). *Las Procesiones de «Sangre» en Sevilla y Nueva España. A propósito de una pintura mural en la Iglesia Conventual de Huexotzingo*. In *Primeras Jornadas de Andalucía y América*. [????], vol. 2, pp. 315-322.
- RÉAU, Louis (1999). *Iconografía del Arte Cristiano*. Barcelona: Ediciones del Serbal. Tomo I, vol. I: *Iconografía de la Biblia: Antiguo Testamento*.
- SILVA, Leonardo Dantas (2002). *500 anos de fé: a música das procissões*. «Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro». 163:414 (jan.-mar.) 103-113.
- VECHINA, Sofia Nunes (2013). *Ordem Terceira de São Francisco de Ovar. Procissão das Cinzas. Uma procissão com três séculos*. In FERREIRA-ALVES, Natália Marinho, coord. *Os Franciscanos no Mundo Português III. O Legado Franciscano*. Porto: CEPESE, pp. 919-946.